

ANCESTRALIDADE, TRABALHO, TERRA: MEMÓRIA E IDENTIDADE NA CONSTRUÇÃO COLETIVA DOS QUILOMBOS DE PEDRA D'ÁGUA E DE VACA MORTA – PB.

Rogério Humberto Zeferino Nascimento

RESUMO

Neste artigo apresento aspectos históricos, sociais e da ordem do simbólico, constitutivos de dois quilombos do estado da Paraíba: Pedra D'água e Vaca Morta. Localizados, respectivamente, no agreste e sertão, ambos possuem trajetórias diferentes, mas também aspectos comuns. No primeiro quilombo, o ancestral fundador, Manuel Paulo Grande, evadiu-se para a mata dos arredores da cidade de Ingá para fugir das perseguições policiais por conta de seu envolvimento com o Movimento Quebra-Quilos (1874). No segundo quilombo, o ancestral fundador, Manuel Severino, sob ordens do patrão, saiu do estado do Ceará no ano de 1905 para administrar as terras da Paraíba. O patrão possuía vastas quantidades de terras nos dois estados. Neste caso, sua descendência estabelecida numa de suas fazendas, continuara com os patrões a relação de subalternização negociada. Mesmo com processos históricos particulares, os integrantes dos dois quilombos, de forma recorrente, evocam em suas memórias e narrativas a figura do ancestral fundador enquanto referencial primordial enlaçando, através das relações de parentesco biológico e espiritual, a vida de todos e de cada um. Ao mesmo tempo, em suas narrativas o sentimento de pertença é afirmado e reforçado pelas lembranças partilhadas quanto ao trabalho naquelas terras. Trabalho este realizado pelas gerações de seus descendentes, incluindo a atual. O trabalho produtivo e gerador de alimentos e bens das várias gerações, moldara e transformara a terra. Ainda outro elemento importante fortalecendo o sentimento de pertença diz respeito ao campo do sagrado. Nos dois quilombos, seus integrantes apontam alguns locais como marcos significativos dos que morreram como também do dever da devoção. Por fim, a dinâmica das relações interna e com a sociedade envolvente, passa por estratégias coletivas. Estas, por sua vez, são orientadas pelo parentesco, fonte importante do sentimento de grupo, como também pela memória coletiva depositada nos mais velhos e partilhada por todos.

Palavras-chaves: Ancestralidade; Quilombo; Trabalho; Identidade, Terra.

ANCESTRY, WORK, LAND: MEMORY AND IDENTITY IN THE COLLECTIVE CONSTRUCTION OF PEDRA-D'ÁGUA AND VACA MORTA'S QUILOMBOS IN THE STATE OF PARAÍBA

ABSTRACT

In this article I present historical, social and symbolic aspects of two quilombos (rustic huts) in the state of Paraíba: Pedra D'água and Vaca Morta. Located respectively in the wild wilderness, both have different trajectories, but also aspects in common. In the first quilombo, the ancestral founder, Manuel Paulo Great, escaped to the woods around the city of Inga to escape the police persecution because of his involvement with the Quebra-Quilos Movement in 1874. In the second quilombo, the ancestral founder, Manuel Severino, under the boss's orders, left the state of Ceará in 1905 to administer the lands of Paraíba. The boss owned vast tracts of land in both states. In this case, their descendants established in one of his farms, and kept the subordination relationship with the bosses. Even with particular historical processes, the members of the two quilombos, on a recurring basis, evoke in his memoirs and narratives the figure of the ancestral founder as a primary reference, linking through the relationships of biological and spiritual kinship the life of each and every one. At the same time, in their narratives, the sense of belonging is affirmed and reinforced by shared memories about the work in those lands. Work which has been done by the generations of his descendants, including the current one. The productive work, which generated food and property for several generations, molded and transformed the land. Still another important element strengthening the sense of belonging was the sacred field. In both quilombos, their members point out some places as significant milestones of those who died, as well as the duty of devotion. Finally, the dynamic relationships of the inner and the surrounding society, passes through collective strategies. These, in turn, are guided by kinship, an important source of group feeling, but also the collective memory deposited in the older one and shared by all.

Keywords: Ancestry; Quilombo; Work; Identity; Land.

PRELIMINARES

Na Paraíba os estudos antropológicos em torno das chamadas comunidades remanescentes de quilombos são consideravelmente recentes. A invisibilidade social dos segmentos sociais compostos por pessoas de pele escura talvez explique a impressão compartilhada comumente de a Paraíba ser um estado com população predominantemente branca. Esta assertiva desdobra definições estendidas a todo o sertão nordestino. Literatos e estudiosos, como por exemplo, José de Alencar (19--) e Euclides da Cunha (2002), difundiram esta tese, por sinal desmentida por pesquisadores do tema na contemporaneidade como também pelo movimento social. A propósito deste quesito, a percepção da cor passa antes por processos histórico-sociais de sua construção e não por referenciais da ordem do natural, como muito bem indicado por Barros (2009).

Boa parte das pesquisas sobre as comunidades quilombolas da Paraíba, estão inseridas no contexto das demandas por demarcação

e titulação das terras, iniciadas com abertura de processo apresentando pedido formal junto ao Incra pela comunidade interessada (Banal, 2013; Fortes, Lucchesi, 2013). São os Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação – RTID – das terras quilombolas. Mas há também diversas monografias de graduação, dissertações e vários artigos em publicações acadêmicas, como também em periódicos de divulgação e noticiosos (Banal, Sousa, Tessarotto, 2013).

Fiz parte dos dois primeiros grupos de pesquisas envolvendo vários antropólogos em torno de comunidades remanescentes de quilombos na Paraíba para elaboração de RTID a ser entregue ao Incra – PB¹. A primeira pesquisa se deu no ano de 2008 junto ao Quilombo de Pedra D'água² na mesorregião do agreste, município de Ingá (Nascimento, 2009). A segunda pesquisa aconteceu no ano de 2012 com o Quilombo Vaca Morta³ no sertão do semiárido, município de Diamante (Nascimento, 2012).

No recorte comparativo aqui proposto não há sugestão de alguma ligação histórico-social direta entre os dois quilombos. Não obstan-

1 Sobre o tema da regularização das terras quilombolas e sua relação com o Incra, ver Cantanhede Filho, [et al.] 2006. Sobre pesquisas junto aos quilombos e as relações com as perspectivas dos campos da Antropologia e do Direito ver Boletim, 2005; Leite, 2005 e O'dwyer, 2002.

2 Situado na zona rural, a distância do Quilombo de Pedra D'água de João Pessoa é de 107 Km através da BR - 230. Por este caminho chega-se à capital em uma hora e trinta minutos. Quando da pesquisa para elaboração do RTID, havia noventa e oito famílias residentes. Os quilombolas trabalham a terra com plantio sobretudo de feijão, milho e fava. Alguns possuem criação de pequeno e médio porte. Alugam seu braço em plantações e trabalhos com os vizinhos no regime de meia. A migração para cidades vizinhas e mesmo outros estados tem o efeito de variação na população do quilombo. Esta migração acontece quando da busca por alternativas de sobrevivência, uma vez o território ser exíguo para o trabalho. O Rio de Janeiro é o destino preferido desde as gerações mais antigas, de modo a existir nesta cidade um considerável núcleo de pedradaguenses. A população adulta teve pouca ou nenhuma formação escolar. Há uma escola do primeiro ciclo do fundamental no quilombo. Para os demais níveis escolares, os jovens se deslocam para o distrito de Pontina ou para a sede do município. Pontinha fica a aproximadamente dois quilômetros do quilombo por estrada de terra. Um veículo da prefeitura conduz os jovens no trajeto de ida e volta. No período das chuvas o veículo fica nas imediações do quilombo por conta da estrada não permitir a chegada até o cento do quilombo. O ensino superior é cursado por alguns poucos jovens no sistema de ensino privado. A religião predominante é a católica, havendo presença de evangélicos.

3 O Quilombo de Vaca Morta também se localiza na zona rural. A distância de João Pessoa é de 451 Km através da BR – 361 e da BR – 230. São seis horas e vinte minutos por este trajeto. Quando da pesquisa para elaboração do RTID, havia vinte famílias residentes, vivendo na precária condição de moradores. Dentro das condições do terreno e das restrições impostas pelos patrões, plan-

te, a abordagem analítica é possível por conta das duas comunidades compartilharem a condição de remanescentes de quilombos. Isto significa dizer estarem situadas social e historicamente dentro de dinâmicas de subalternização de setores populares característicos na sociedade envolvente. Esta condição, por sua vez, está historicamente relacionada ao período da escravização de populações de pele escura, cujo fim se deu em 1889, mas sem ter anulado os contundentes desdobramentos sociais do período escravagista, por sinal, presentes em nossos dias.

Nesta direção, procuro destacar aqui a importância dos processos sociais na construção da memória e identidade quilombola, através do significado da terra na qual trabalham e moram e do ancestral fundador na existência destes quilombos. A dinâmica envolvente e orientadora destas ponderações aponta para expressões coletivas, com sentidos e significados elaborados, acolhidos e partilhados entre os integrantes de cada um dos quilombos, através do tempo e do espaço.

1. ANCESTRALIDADE NOS QUILOMBOS DE PEDRA D'ÁGUA E VACA MORTA

O processo histórico-social e político-econômico de formação é distinto nos dois quilombos. Para Pedra D'água, Manuel Paulo Grande evadira-se quando do desfecho do mo-

vimento Quebra-quilos⁴ em fins do século XIX. O encerramento deste movimento pelas forças policiais do estado lhe fora marcadamente adverso e desfavorável. Diante da iminente e intensa onda de torturas e maus tratos caso fosse apanhado pelas forças policiais, restava-lhe fugir para local ermo e distante, longe o suficiente do alcance das forças da lei e da ordem. Assim, Pedra D'água, mata fechada e de difícil acesso à época, servira de lugar de esconderijo contra a certeza da repressão quando das perseguições policiais aos personagens de destaque no Quebra-quilos. Esta era a situação de Manuel Paulo Grande, cuja participação neste movimento de contestação na cidade de Ingá, acontecera de forma ativa e destacada.

Elizabeth Christina de Andrade Lima (1992), em sua pesquisa de mestrado intitulada *Os negros de Pedra D'água*, registrou conversa sua com Dona Maria Paulo, então septuagenária descendente de Manuel Paulo Grande. Nesta conversa a anciã, à época com setenta e oito anos de idade, respondendo a sua indagação sobre como se deu a formação de Pedra D'água, informou ter seu bisavô procurado refúgio na mata depois dos acontecimentos do Quebra-Quilos. Vejamos este trecho da conversa:

P – E Pedra d'Água, como foi que surgiu?
I – Ta! Essa história de Pedra d'Água eu num sei contá porque isso num foi no meu tempo. Foi do meu bisavô, agora eu conheci o

tam e criam animais de pequeno e médio porte. Estas atividades ficaram consideravelmente limitadas quando da venda de mais da metade das terras de Vaca Morta no ano de 2005. É frequente a migração para cidades vizinhas ou Aguai em São Paulo, ou ainda Brasília, para conseguir trabalho. Uma das alternativas de sobrevivência é trabalhar como diarista ou no regime de meação. A escolaridade é muito baixa, ou mesmo inexistente, entre os adultos. Jovens e crianças se deslocam para as escolas na sede do município, distante oito quilômetros. Cinco quilômetros são acrescentados por conta do desvio necessário para se chegar ao quilombo. Isto acontece quando um trecho da estrada é inundada nos períodos chuvosos ou quando são abertas as comportas do Açude de Zé Queiróz. O catolicismo romano predomina esmagadoramente no quilombo, havendo poucos evangélicos.

4 Sobre o movimento denominado Quebra-quilos, acontecido em fins de 1874, ver Joffily, 1977; Souto Maior, 1978 e Lima, 2006.

meu avô. (...) Eu sei que no tempo de... A senhora ouviu falá num tá de quebra-quilos?

P – Não, o que foi isso?

I – Esse povo era tudo escondido, o meu avô conta essa história de seu pai; “senão a puliça vem atraí pá levá”, mai meu bisavô era muito sabido; a puliça atraí dele; quando foi um dia entraro aqui na boca da noite ai minha bisavó chamada Fulozinha, minha bisavó diche: “Mane, ali vem uns trupé”, diche que ai quando a puliça chegô na pôta, ele virô-se num gato, sartô pu riba da janela de vexado, de danação, ai o sodado diche: “Ta! Aqui passô um gato preto”; e era ele, o meu bisavô. Ele correu puli, puli, puli, naquela loca de mato lá, passô dois dias escondido naquela grota e a puliça pu todo canto pá levá. Ai ele diche: “sabe Fulozinha eu vô fazê um negoçu dentro de casa, ai na sala de janta”; ele passô o resto da noite todinha cavando aquele fosso quiném tatu; fei aquele fosso pu debaixo do chão, um buraco bem grande que desse pra ele passa, tapô tudim, só ficô aquele buraquim da pôta pu povo num vê e, ali, ele comia, bebia, dormia sem, ochêm, sem ninguém nunca pegá ele. (Lima, 1992, p. 34-35).

O município de Ingá fora palco privilegiado na eclosão destes acontecimentos, cuja amplitude se estendera a outras cidades paraibanas, alcançando estados vizinhos. Fugindo ao suplício do colete de couro⁵, além de outras torturas destinadas a revoltosos de seu jaez, Manuel Paulo Grande adentrou a mata profun-

da do município de Ingá, local em que se estabeleceu e criou os doze filhos⁶ tidos com Fulozinha do Matão⁷. Pedra D’água parece ter sido o epicentro político decisivo enlaçando e articulando as relações entre os quilombos⁸ de Matão, Matias, Grilo além de outras comunidades negras das proximidades.

A figura de Manuel Paulo Grande fora importante nas relações entre estas comunidades, mediadas por relações de parentesco e de ajuda mútua. Pedra D’água constitui caso típico e clássico do conceito de quilombo : local de moradia e esconderijo, caracterizado pela dificuldade de acesso, habitado por resistentes a ordem escravocrata, numa extensa relação entre parentes descendentes de um ancestral comum. A reivindicação das terras se funda na condição de parentes partilhada pelos pedradaguenses a partir da ascendência referenciada em Manuel Paulo Grande enquanto ancestral fundador e pela ligação com a terra na qual vivem e trabalham desde gerações passadas.

Em conversa com o octogenário Mané Criôlo, na sua residência na cidade de Juarez Távora, de relativa proximidade de Pedra D’água, ele me informou as linhas de descendência de Manuel Paulo Grande. Estas linhas são formadas a partir de nove de seus doze filhos. Em sua narrativa, enfatizou a importância do ancestral fundador enlaçando todas as três

5 Este instrumento de tortura consiste de uma peça de colete confeccionada de couro cru. A vítima era vestida com este colete e deixada sob os efeitos do sol. O colete, molhado periodicamente, encolhia lentamente. A tortura, através deste artefato, poderia levar à morte agonizante e desesperadora por asfixia.

6 Manuel Criôlo, octogenário descendente de Manuel Paulo Grande, me informou o nome de nove dos doze filhos de Manuel Paulo Grande, registrando a existência de outros cujos nomes não recordava. Os habitantes de Pedra D’água descendem, em sua esmagadora maioria, dos filhos dos filhos de Manuel Paulo Grande. Em menor quantidade há os incorporados através de casamentos e alianças.

7 As relações entre os descendentes de Manuel Paulo Grande envolvera, em tempos passados, contatos mais aproximados com o Quilombo do Matão. Sobre o quilombo do Matão ver Grünwald, 2011.

8 Sobre o conceito de quilombo ver Gomes, 1996 e 2005; Reis; Gomes, 2008.

famílias do quilombo: os Coelho, os Firmino e os Paulo. Vejamos este trecho de nossa conversa:

ROGÉRIO: Quer dizer que de Paulo, veio doze, doze filhos?...

MANÉ CRIÓLO: Doze filhos...

ROGÉRIO: Os doze é que...

MANÉ CRIÓLO: Que espalhou-se por todos.

ROGÉRIO: Que criou as linhas pra traçar, assim...

MANÉ CRIÓLO: É. Por aí! A linha. E já tem gente que num tem nem nome da família mai.

ROGÉRIO: É, né?

MANÉ CRIÓLO: Porque (...) foi casando com um, casando com outro e lá vai e foi misturando e misturando. Mai (...) essa família de Paulo é uma só. Família de Coei é uma só. Família de Firmino é uma só.

ROGÉRIO: Coelho, Firmino...

MANÉ CRIÓLO: Coei, Firmino e Paulo. Esses três.

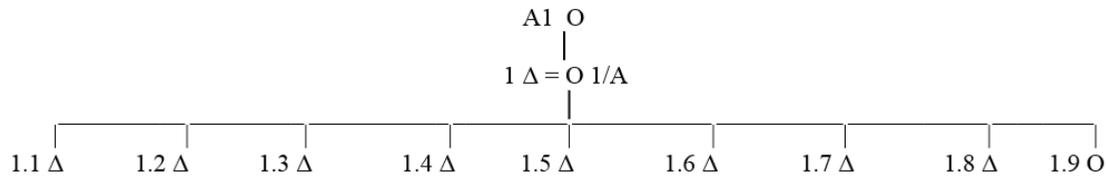
ROGÉRIO: É tudo uma só.

MANÉ CRIÓLO: É tudo é uma só! Tudo! Pode procurar (...) quem é os avôs desse povo. Aí vai caindo tudo num avô só. É, de avô a bisavô...

A seguir o diagrama de parentesco com os filhos de Manuel Paulo Grande, informado por Mané Criólo. Destes nove filhos foram formadas as linhas de descendência de Pedra D'água, através do casamento entre primos, como ele nos indicou:

$\Delta \rightarrow$ Homem; $O \rightarrow$ Mulher; $= \rightarrow$ Casamento; $| \rightarrow$ Filiação; $| \overline{\quad} | \rightarrow$ Consanguinidade.

DIAGRAMA DE PARENTESCO NÚMERO 1 MANUEL PAULO GRANDE



A1- Bela; 1- Manuel Paulo Grande; 1/A- Fulorzinha do Matão (Aia); 1.1- Vitá Paulo dos Santos; 1.2- Antonino Paulo dos Santos; 1.3- Augusto Paulo dos Santos; 1.4- Gonçalo Paulo dos Santos; 1.5- Matias Paulo dos Santos; 1.6- Avelino Paulo dos Santos; 1.7- Firmino Paulo dos Santos; 1.8- Lelé Paulo dos Santos; 1.9- Dova Paulo dos Santos.

O casamento entre primos ainda é comum em Pedra D'água. Me parece ser o tipo de enlace matrimonial estimulado, celebrado e até mesmo preferido pelos familiares. Mesmo quando acontece algum casamento com pessoas de fora do círculo de parentesco, no geral a pessoa em questão é conduzida ao interior do grupo de parentes, sendo incorporada ao rol da parentela.

Vaca Morta, de seu lado, evoca a imagem simétrica e inversa do clássico modelo de quilombo: agrupamento formado e estabelecido numa dinâmica de coexistência pacífica com o patrão e com a sociedade envolvente, procurando negociar, da forma o menos desfavorável possível, sua condição subalterna. Vaca Morta fazia parte das terras dos Cartaxo, família tradicional do vizinho estado do Ceará. Em 1905 Manuel Severino fora designado por seus patrões neste estado para vir à Paraíba administrar a criação de gado em suas vastas terras. Com ele viera um grupo consideravelmente grande, composto de filhos, irmãs, sobrinho, parentes e aliados.

Na primeira interlocução estabelecida com Maurício Zacarias e seu sobrinho Cícero Brito (meu anfitrião), este assunto fora abordado. Vejamos um trecho de nossa conversa:

ROGÉRIO – E quando quando o pessoal vei do Ceará pra cá, voltando um pouco, é... já tinha dono a terra? Ou como era, a terra era sem...

MAURÍCIO – A terra aqui, essa terra aqui era o ê desses povos dos Cartaxo, ali do... Mauriti. Era é tudo desses terrenos.

ROGÉRIO – Mauriti no Ceará?

MAURÍCIO – Sim sinhô!

ROGÉRIO – A terra daqui... os donos moravam no Ceará, era?

MAURÍCIO – Era tudo de lá.

ROGÉRIO – Então eles já vieram de lá pra cá...

MAURÍCIO – Foi.

ROGÉRIO – Direto, com assim, com destino mesmo?

MAURÍCIO – (risos).

ROGÉRIO – Ê? Os Cartaxo lá de Mauriti e tinha tinha esse sit... essa fazenda aqui?

MAURÍCIO – Ê... Ah aqui essas fazenda era tudo deles aqui tá Vaca Morta, tinha o Saco Véi, Espírito, Olho d'Água, Diamantina, Cabano tudo pertencia ao povo do Ceará.

ROGÉRIO – Ê terra héim?!

CÍCERO – A história é longa.

ROGÉRIO – Os Cartaxo?

MAURÍCIO – Ê.

ROGÉRIO – Ai quando eles chegaram, se acomodaram aqui em Vaca Morta mesmo?

MAURÍCIO – Foi.

CÍCERO – Ai quando esse pessoal chegaru'aqui eles foram só habitando, né? Fazendo essas casas de taipa que num tinha né? Ai foro crescendo as famílias os filhos, naquela época não tinha aquele negócio de dizer 'eu vô sair' vô me deslocar daqui pra ir pra São Paulo ô, pra um lugar e ficava por aqui mesmo, ai foi construino a família, né? Que os mais velhos foro morreno foi ficano os mai novo que no caso hoje já tão velho também ai já vem nós né?

ROGÉRIO – Hamrrã!

CÍCERO – A gente aqui somos os mai novo, mas ficano véi também (risos)

rino, cuja posição de destaque na vida dos integrantes de Vaca Morta fora assinalado em diversas falas. Um trecho da conversa com Nojolina, septuagenária de Vaca Morta, ilustra com muita propriedade este entendimento partilhado no quilombo. Vejamos:

NOJOLINA – Pois é! Fazenda da Vaca Morta a família, é, Svirino! E Brito e os Amaro, e os Palo... Porque, meu ti Palo, criou a família dele lá, só saiu de lá o que casô!

ROGÉRIO – Svirino, Amaro e Paulo...

NOJOLINA – Só! E Brito!

ROGÉRIO – Amaro vêi com a...

NOJOLINA – Amaro! A família... é Amaro! Primêro, Svirino, Brito e Amaro, os Palo! Só! Se tivê ôtra mistura, né não!

ROGÉRIO – Mas todos... todos eles saíram de Mané Svirino foi?

NOJOLINA – Não.

PAULO BRITO – Amaro não! Os Amaro vêi depois...

NOJOLINA – Os Amaro não!

PAULO BRITO – ... casô cum família de Mané Svirino.

NOJOLINA – ... casô, Amaro casô cum família do do do do de, Mané Svirino.

PAULO BRITO – Cum os fi de Mané Svirino... Alguns dos Amaro casô com fi de Mané Svirino.

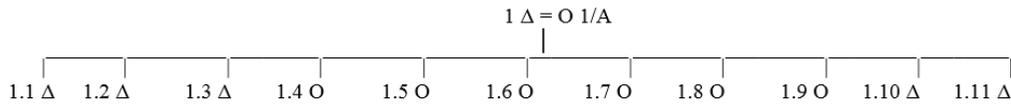
ROGÉRIO – Mas vêi junto? Quando seu avô, é é, veio?

NOJOLINA – Adepois de meu avô ai trôxe de Cajazeiras.

São quatro os grupos familiares integrantes do Quilombo Vaca Morta: Severino, Amaro, Paulo e Brito. Todos descendem de Manuel Severino.

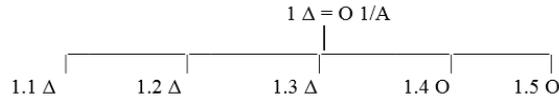
A seguir, apresento dois diagramas de parentesco relativo à descendência em Vaca Morta. O primeiro inicia como o ancestral fundador do Quilombo Vaca Morta, Manuel Severino. O segundo diagrama, inicia com um de seus aliados, Francisco José Gabriel de Sá Silva, conhecido como Mestre Paulo, cujos descendentes vieram de casamentos com descendentes de Manuel Severino.

DIAGRAMA DE PARENTESCO NUMERO 2
MANUEL SEVERINO



1- Manuel Severino; 1/A- Santana Ana da Conceição; 1.1- Antonio Severino da Silva (Pai Vêi); 1.2- Pedro Severino da Silva; 1.3- Severino Neto da Silva; 1.4- Angelina Severino; 1.5- Regina Severino; 1.6- Maria das Graças (Ingrácia); 1.7- Maria Ana da Conceição Severino; 1.8- Maria Brito (Lojolina); 1.9- Ana Brito; 1.10- Júlio Severino; 1.11- Severino.

DIAGRAMA DE PARENTESCO NÚMERO 3
FRANCISCO JOSÉ GABRIEL DE SÁ SILVA (MESTRE PAULO)



1- Francisco José Gabriel de Sá Silva (Mestre Paulo); 1/A- Maria Antonia Juvina da Conceição; 1.1- José Paulo da Silva; 1.2- Amaro Paulo da Silva; 1.3- Cícero Paulo da Silva; 1.4- Chiquinha Silva; 1.5- Raimunda Maria da Conceição Silva.

A deferência dada a Manuel Severino, situando-o enquanto ancestral fundador, personagem referencial para a vida individual e coletiva dos habitantes, seus descendentes e aliados em Vaca Morta, ficou marcadamente expresso na fala do octogenário Francisco Brito. Em conversa com ele na sua residência na capital paraibana, Manuel Severino é apresentado como autoridade reconhecida por todos. As questões e conflitos eram levados a ele e dele todos acolhiam a decisão por ele apresentada. Vejamos especificamente este trecho de nossa conversa:

FRANCISCO BRITO – Êêêê e assim a gente passô o tempo lá... só cum Deus mermo! ... Os avô véi, morreru! Meu pai morreu eu fiquei cum, três ano! ... Meu avô era o chefe dali! Qano tinha quaiqué coisa lá a a a... qano tinha quaiqué coisa, quaiqué proibema, tudo reunia, a famia todinha!... e ia se intendê cum ele, ele é quem era... o delegado da lei, como diz, era ele, né?! quaiqué coisa é ele qui resoivia! (risos).

Os elementos da ordem do pessoal, do sagrado e do econômico saltam aos olhos e ouvidos quando de depoimentos e relatos coletados enquanto expressões pessoais evocando sentidos elaborados coletivamente e partilhados pe-

los demais. A narrativa da irmã de Cícero Brito, Maria José do Quilombo Vaca Morta, além das falas acima relatadas, expressa com muita propriedade o grau de importância do parentesco na vida pessoal e coletiva nestes quilombos. Ela migrara para São Paulo fazia anos. Lá se casara com um primo seu, de quem se separara, e com ele tivera três filhos. Em conversa me explicava seu próximo casamento com outro primo. Detalhe importante: ela o vira pessoalmente quando ainda era criança, antes da saída dele para residir em Brasília. O fator parentesco para este gesto foi decisivo. Vejamos este trecho de sua fala:

MARIA JOSÉ – Essa coisa, esse, esse meu relacionamento com ele ééé, Rogério é uma coisa assim... mas foi'uma... uma coisa assim nunca um... até hoje eu quero explicar eu num sei ó... ele saiu daqui pra Brasília eu tava cum sete anos de idade... pra te falar a verdade assim um... de lá pra cá eu num vi ele assim pessoalmente... físico, físico dele assim pessoalmente...

ROGÉRIO – Humrrum.

MARIA JOSÉ – ... só por telefone, foto, uma filmagem assim, eu num um um um... num conheço pessoalmente... ai meu: “como que cê vai namorá uma pessoa assim, que você num num conhe...?” “claro que eu conheço!

Que é meu primo!”... só que assim... a comunicação da gente é assim... por telefone...

Manuel Severino, articulador, organizador, administrador e espécie de juiz com autoridade na condução da vida de seus parentes e aliados, ocupa posicionamento destacado de referencial fundador entre seus descendentes. Vaca Morta, na memória vivida e celebrada pelos seus habitantes, entrelaça a vida de todos e de cada um com tramas urdidas pelo parentesco espiritual e biológico, pelo trabalho medianando às relações estabelecidas com o meio ambiente e com a sociedade envolvente e pelas celebrações da ordem do sagrado como também das festividades, brincadeiras e comemorações.

Pedra D’água se constitui através dos mesmos elementos, apesar da diferença entre os processos de formação entre os dois quilombos, como já indicado. O parentesco, enlaçando a vida de todos e de cada um a partir de Manuel Paulo Grande, articula-se às dinâmicas e mediações com outros segmentos sociais e com a interação com o meio ambiente através do trabalho. O local ganha sentidos e significados através da memória partilhada coletivamente quanto às atividades produtivas e mesmo pela mediação do sagrado.

2. TRABALHO E TERRA: EXPRESSÃO DOS ENFRENTAMENTOS CONSTITUINDO O SENTIMENTO DE PERTENÇA NAS REMINISCÊNCIAS COLETIVAS

Quando Manuel Severino viera à Paraíba, a extensão das terras da família Cartaxo

abarcava vários dos atuais sítios vizinhos à Vaca Morta. Ao longo das décadas do século XX, os descendentes dos patrões de Manuel Severino foram vendendo partes das terras. Integrantes da família Diniz compraram partes destas terras na década de 1930. Saco Velho, Saquinho, Cabano, Diamantina, Olho d’Água, por exemplo, são hoje em dia sítios de donos diferentes, mas ligados por laços de parentesco. A intensificação do fracionamento destas terras parece ter iniciado com a praga do ‘bicudo’ devastando as plantações de algodão próximo a meados do século passado. Isto sem esquecer de que, com a inauguração da república no Brasil, a cidade passa a ser o centro gravitacional, nos aspectos social, político e econômico.

No ano de 2005 mais da metade de Vaca Morta fora vendida, ficando a maior parte dos moradores reduzidos às terras mais altas e pedregosas. O novo dono impôs condições rigorosas às cinco famílias quilombolas cujas residências estavam nas terras por ele adquiridas. Apenas um morador insistiu em permanecer nas terras. Neste contexto de profunda redução do espaço físico para criação de gado e animais de pequeno porte, principal fonte de subsistência, os moradores de Vaca Morta que ficaram na parte não vendida das terras, abriram no ano de 2008 processo⁹ junto ao Incra -PB com vistas à conquista das terras nas quais trabalham e vivem a gerações.

Mesmo tendo evidenciado as particularidades dos dois quilombos, há também aspectos comuns importantes. Ambos os quilombos se localizam na zona rural, constituindo uma população de pequenos criadores e agriculto-

⁹ Vale salientar a importância da AACADE – Associação de Apoio às Comunidades Afro Descendentes – junto às comunidades remanescentes de quilombos na Paraíba, auxiliando sobretudo na relação com os dispositivos legais que lhes são favoráveis

res. Por conta da exiguidade da terra, procuram incrementar a renda familiar com o trabalho assalariado como diaristas em sítios vizinhos ou recorrendo a outros expedientes como a plantação de meia¹⁰. A migração é alternativa frequentemente utilizada para a subsistência nos dois quilombos. Em cidades como Rio de Janeiro, Aguai e Brasília existem núcleos expressivos de parentes, formando uma consistente rede de apoio para a recepção, acolhida e auxílio na procura de trabalho para os parentes da terra natal ou quando de visitas e passeios. Nestas cidades há descendentes na terceira e quarta geração, desde os primeiros saídos dos quilombos.

Nos dois quilombos o casamento entre primos é frequente. Desde o período dos filhos dos ancestrais fundadores dos dois quilombos, casa-se preferencialmente entre primos. Nos eventuais casamentos com pessoas de fora do grupo parental, procede-se à incorporação da pessoa exógena dentro do grupo. Esta prática alcança até os descendentes residentes em outras cidades. Estas relações oferecem esteio mais regular e seguro aos parentes e aliados quando da procura de emprego e quando de viagens a passeio. O relato de Maria José, mais acima apresentado, é expressivo desta situação.

Coletei estas informações em fontes variadas, incluindo a literatura histórica sobre o estado da Paraíba, periódicos, arquivos e, mais importante, nas conversas com os quilombolas.

Quanto a estes dados, recorri à memória dos próprios quilombolas, procurando estabelecer uma ambiência de conversações. Os relatos coligidos apresentam um pano de fundo sociocultural por entre dobras, planos e tessitura dos dramas, tragédias e celebrações intersubjetivas.

É bastante comum relacionar ‘memória’ a uma maior capacidade cerebral característica de pessoas privilegiadas. Recordar eventos, acontecimentos, nomes e lugares, informar com precisão datas, fisionomias, estas e outras habilidades de mnemotecnica, são geralmente apreciadas como evidências de um cérebro bem aquinhoado. Neste diapasão, ganha evidência os aspectos orgânicos¹¹, naturais, psicológicos e individuais quando o assunto é ‘memória’.

Nesta apreciação comum sobre a memória e a competência em recordar, praticamente inexistente espaço para lembrar o significado e importância dos processos sociais envolvidos, transpassando e adensando este campo. Os estudos iniciais de Halbwachs (2006) e, seguindo suas indicações inaugurais, por Connerton (1999), desnaturalizam o campo da memória e recuperam as condições sociais de seu exercício. O orgânico pouco informa sobre esta nossa aptidão, cuja evocação está relacionada, sob a perspectiva dos autores acima indicados, às condições sociais envolventes.

Quando de minha primeira estadia em Vaca Morta, perguntei a meu anfitrião, Cicero

10 Tipo de contrato entre o agricultor e o dono da terra. Este cede ao trabalhador parte de suas terras para o plantio do roçado. Feijão, milho, mandioca, fava, arroz são os mais frequentes. O trabalhador se compromete com as sementes, com seu esforço no plantio, conservação e cuidado com o roçado e, por fim, na coleta da produção. Em troca o trabalhador ao proprietário entrega metade de toda a produção.

11 Pesquisas no campo da neurociência se dedicam a desvendar o funcionamento orgânico da memória. Ver o DVD – Em Busca da Memória – a neurociência de Eric Kandel, ganhador do prêmio Nobel de medicina em 2000. Este documentário de 2008, originalmente em inglês e legendas em português, baseia-se em sua autobiografia de mesmo título publicada no Brasil pela Companhia das Letras no ano de 2009.

Brito, quem deveria procurar a fim de melhor ouvir sobre a histórica local. Nojolina, Maurício Zacarias, Chico Brito, João Severino, Assis Brito, foram citados. Outras pessoas a quem apresentei a mesma pergunta repetiram esta lista de nomes. Antes de me conduzir à residência de Maurício Zacarias, Cicero enfatizou a capacidade de memória de seu tio. Vejamos este trecho de nossa conversa:

CÍCERO – Ele (Maurício Zacarias)¹², tem uma mente muito boa, pra, explicar as coisas.
ROGÉRIO – Certo. Bom. Eu vou, vou ter chance de conversar com ele.

CÍCERO – Ele tem um diálogo muito bom, ainda tá com essa idade toda, mas ele lembra muito as coisas do do pessoal passado... o pai dele inclusive na época, nessa época, que'le chegar' aqui, o pai dele trabalhava de vaqueiro, aí depois foi passanu pros filhos, né? João Severino, Neco Severino que já se foi também, Zé Severino, que'ra filho, esses pessoal tudo trabalharu pros patrão aqui como vaquero, meu pai também foi gerente, teve outros mais um tio meu que Deus levou também chamado José Brito da Silva, Zacarias de Brito, foi gerente aqui também que era irmão dele (de Maurício), eles são também um pouco da história também, né?

Cícero Brito me conduziu às residências dos demais indicados. Apenas em um caso Cícero Brito não me acompanhou: Chico Brito por ter saído de Diamante e passado a residir na capital João Pessoa desde início da década de 1990. Os demais tinham moradia em Vaca Morta e no município de Diamante. Seu gesto solícito em me acompanhar e apresentar a seus parentes expressa com muita propriedade o reconhecimento geral de serem estes os legítimos depositários da memória coletiva dos quilombolas de Vaca Morta. Um era nonagenário entre outros

octogenários e septuagenários. Os mais novos se sentiam não tão legitimados pela idade. Atribuía aos idosos a capacidade e licitude em narrar as informações também por eles conhecidas.

Encontrei este mesmo entendimento entre os quilombolas de Pedra D'água. Os irmãos Mané Criôlo e Zito Firmino, sua esposa Dona Isaura, Biu Vitá, Deca de Preta, Dona Jandira, Dona Diomar, Caju, eram reconhecidos como os depositários legítimos da memória coletiva do quilombo.

A existência de um ancestral fundador e a ligação com ele através de seus descendentes é recorrente nos dois quilombos. É comum encontrar nas paredes ou móveis das casas, fotos dos parentes falecidos ao lado de gravuras de santos e dos parentes vivos. Uma forma de manter a lembrança dos mortos e celebrar os vivos.

FIGURA 1 - ASPECTO PARCIAL DO INTERIOR DA CASA DE MARIA DO SOCORRO MOURA, COM FOTOGRAFIA DE ZACARIAS JOAQUIM DE BRITO E PARENTES DIVIDINDO ESPAÇO COM IMAGENS DO PANTEÃO SAGRADO CATÓLICO



Fonte: Acervo pessoal 2014

Não obstante existirem as especificidades entre ambos os quilombos, relativas especialmente à formação, à relação com a terra é mediada por significados e sentidos partilhados por seus integrantes. Rodrigues (1989: p. 61-

124) enfatiza a existência de dinamismos da ordem do simbólico definindo as formas de mediação quando da interação dos agrupamentos humanos com o meio ambiente. A natureza não é acessível diretamente pelas sociedades humanas.

A ideia de ‘natureza’ contraposta à cultura é criticável. Por sobre nosso equipamento orgânico, cuja capacidade é igual entre todos da espécie homo sapiens, incide a ação da cultura em particular, orientando e regulando nosso aparelho sensorial para a especialização quando da interação com o meio ambiente, com nossos semelhantes e com os demais seres.

Desta maneira, a ação transformadora dos agregados humanos sobre o meio ambiente, significando o espaço físico e os seres vegetais e animais, é possível unicamente através dos significados e valores elaborados e compartilhados pelos integrantes dos grupos humanos. Nesta perspectiva, nos dois quilombos, a história de todos e de cada esta fincada num chão riquíssimo em significados. As trajetórias individuais estão enredadas umas nas outras através das relações de parentesco, da devoção, das festas e celebrações como também da provisão dos meios de subsistência.

FIGURA 2 - VENA, COM CAMISA AZUL (PEDRA D'ÁGUA) NO PREPARO DA TERRA PARA O PLANTIO



Fonte: Acervo pessoal 2014

O nonagenário Caju de Pedra D'água registra elementos históricos da relação tensa com fazendeiros das proximidades. A demanda externa por documentos comprovando a propriedade da terra aponta para uma lógica exclusivista orientando a relação com a terra. Refutando a reivindicação da propriedade da terra por fazendeiros com suas recorrentes e insinuantes ameaças de expulsão da terra, ele assinala a energia desprendida pelos quilombolas de Pedra D'água na resistência à expulsão. Vejamos suas palavras:

CAJU: Teve uma veiz q'um fazendêru das bandas du Ingá quiria de tumar Peda D'água. É tumar Peda D'água. Uma tá de puteca qui havia ... tava putecado! É Peda D'água! Ai diz qui vinha pegá as terra de Peda D'água. Falaru pá ele im Pontina di qui havia ... em Peda D'água ... havia mi e quinhentus negu brabu! (rsrs) Ai ele dixeu: “Acho qui deve de ser ôta Peda D'água, mais pá baxu!”

Em uma conversa com Mané Criôlo apresentada a seguir, ele informa sobre o alto grau, extensão e intensidade do poder discricionário dos fazendeiros por sobre a população subalternizada de Pedra D'água. Num contexto social, econômico e político assimétrico e explorador, os pedraguenses tinham de procurar estratégias apropriadas para sobrevivência. Sua fala indignada e revoltada anuncia as injustiças do latifúndio sobre os moradores e trabalhadores da terra como antiga prática no Brasil.

MANÉ CRIÔLO: Aí, aquilo ali... é... foi... era um tempo!... Chegasse, qualquer um, chegava e entrava...

ROGÉRIO: Hum.

MANÉ CRIÔLO: E saía quando queria, né? Porque... Ali ninguém tinha ... ninguém

era dono e... ninguém é dono! Mas acontece o seguinte, tem que dar um grito pra saber, quem é que manda ali. Porque depois ... E outra, depois apareceu um...

ROGÉRIO: Hum.

MANÉ CRIÓLO: Se tivesse que nem aquela ... da gente, que os fazendeiro... olhava assim pra cara e dizia: “Olha, some todo mundo daí!”

ROGÉRIO: Era?

MANÉ CRIÓLO: Nera isso? “Some todo mundo daí, eu vou passar minha cerca aí!” Aí passava. Aquilo dali não tava desse jeito assim. Dava amanhã ou depois, podia qualquer um, chegar um poderoso, com aquele... eu lembro, agora eu lembro, que aquela terra ali, já teve uma parte inté numa puteca! Foi putecada no tempo dos meus avôs! Aí meus avôs era, eu acho que, meio malandros, ele aputecou, comeu o dinheiro da puteca e depois num pagou nada. Aí, meu avô morreu... Aí, o cara, com muitos anos, ninguém nem sabia... o cara apareceu lá, querendo tirar, parece que três quadra ali, ou foi quarto quadra...

ROGÉRIO: E foi, foi?

MANÉ CRIÓLO: Da puteca que ele pagou. Mai ele pagou.

NILSA: (risos)

MANÉ CRIÓLO: Mai pagou, com... fazendo dos outro de bobo mermo. Que eu num vou pagar uma coisa que eu num...

(...)

MANÉ CRIÓLO: E eu sei que é assim, doutor. A gente... ali, precisava disso mesmo, agora... um tempo, eu mai meu irmão, já entremo numa... numa ação, a gente fumo no Ingá, pra gente queria tirar um pedacinho da gente, sabe? Porque a gente limpava, outros tomava. Né? Outro dizia, aqui é meu, plantava... e amarrava bicho aonde a gente não queria. Aí, eu mai o meu irmão, pai dessa menina aí, eu: vamo no Ingá, ter uma solução, pra gente ver, se a gente pode... liberar e tirar um pedacinho da gente.

Aí a gente foi, quando chegou lá, não tinha ... porque, meu tio, que era um tio que tinha um... uns papelzin feito de, de... letra de mão, sabe? De tinta desses lápis comum. Aí botou numa cambuca lá, guardou. Aquilo largou tudo, acabou tudo. Tudo papel, mai ele num... ninguém sabia o que é que tinha. Aí diz: num adianta, não. Aí, o homem lá, o doutor lá falou, disse: “Olha, por causa o seguinte, tem jeito, que tudo no mundo tem jeito, agora só que você tem que vender essa terra, num dá pra ganhar, registrar ela não! Cê pode vender, que não dá pra registrar!”

(...)

MANÉ CRIÓLO: Porque tem nego aí, que tem mil quadro de terra, e... registrado, só tem cinco e quinhento, quinhento na, na... na mão grande. Né isso? Existe isso aí na, na...aqui no... no Brasil, né?

ROGÉRIO: É, é.

MANÉ CRIÓLO: Existe essa sabedoria. Agora de quem é essas terras, que tá aqui, que ele tomou? Ele num tomou botando faca em ninguém, nem matando ninguém, não. Ele, porque ele é o poderoso, ah... o cara não tinha nada, aí ele... ah, isso aqui é meu. Você tem nada aqui. Passa a cerca aí! E some daqui. E o outro sumia mermo e pronto, acabou. Era isso. Num é hoje, não. Que hoje... o rico tem medo do pobre.

NILSA: Hum

MANÉ CRIÓLO: O senhor sabe disso, num sabe?

ROGÉRIO: Hum rum

MANÉ CRIÓLO: Num tem? O rico tem medo do pobre, agora sabe por quê? Por causa da pilantragem. Porque o pobre não tem dinheiro, o pobre não tem onde morar, o pobre não tem onde cair morto, mai... e o rico tem de tudo. E o rico matando o pobre, o pobre num leva nada, então o enterro, a prefeitura dá. E o rico, vai deixar o quê? O rico deixa muita coisa, por isso que ele tem medo de morrer. Eles deixaram o pobre de

... por causa disso, também. Porque... naquele tempo, eles levava uma lapada aqui e é da parte que... digo ao senhor, porque eu sei... e eles levava uma lapada... o delegado, ou o caba... num era o delegado, era inspetor, só tinha inspetor. Eu lembro que só tinha inspetor. Era um cara que a polícia chegava e dizia assim: ói, cê toma conta desse setor aqui, causa de uma coisa que eu ... aí, você enfia o cacete. Aí o cara ficava ali como... um gostosão mermo, e se... e ia pro pau mermo, aí, se o nego fosse dar queixa lá na, aonde tinha autoridade, chegar lá, ele era preso e levava outra pisa, pronto. E tava feita e acabada a história. Num é hoje, que hoje não acontece mais isso.

Noutro momento, Mané Criôlo enfatiza a situação de extrema penúria vivida em tempos de seus pais e avós. Em sua fala surge exposta a análise da situação na qual viviam como sendo ainda de prática do ‘cativeiro’. O trabalho retribuído de forma irrisória para garantir a sobrevivência das famílias. O empregador pagava valor insignificante. A expressão “a fome era monstra” encerrando sua narrativa abaixo transcrita descreve de forma dramática as condições de vida adversas dos pedradaguenses.

ROGÉRIO: Mas, o seu... os seus bisavós... ou os seus avós...

MANÉ CRIÔLO: Hum!

ROGÉRIO: Falavam da chegada dos brancos ali, ou... como é que... eles diziam alguma coisa em relação a isso? Contavam... não, né?

MANÉ CRIÔLO: Não, eles... eles contavam, eles contavam. Porque esse Adoni Marques mermo ali...

ROGÉRIO: Ham!

MANÉ CRIÔLO: Ele era o pai da probeza ali, quase né? Mai, um troço, era pra... o senhor entenda, um negócio, que confor-

me fosse, nós fosse o ... um cativeiro, de lhe pegá assim, dá... dá por... quase a, a força que merecia dá, porque precisava. Mai, ninguém tinha nada e vinha nos péi dele, fazenu ... trabalhanu, ou fazenu as coisas pra eles, né? Num era uma coisa assim, que a gente chegasse e disse assim: “Me pague tanto! Me dê tanto! Me empregue! Me arranje um...”

ROGÉRIO: Hum rum!

MANÉ CRIÔLO: Agora, ele num podia fazer isso. Ele fazia assim... agora ele salvou a vida de muita gente ali, muita criança de fome... ele salvava. Mai, ele salvava como qualquer outro. Salvava também, porque... era... era obrigado, quase. Que a fome era monstra!

Dedê registra em sua fala uma das formas de perdas territoriais em Pedra D’água. A situação delineada em sua narrativa indica pressões impostas por proprietários vizinhos. Mais poderosos, aproveitavam situações de dificuldades dos pedradaguenses para “negociar” a compra de terras com valores irrisórios. A troca da terra por partes de bode expressa a situação vulnerável vivida pelos moradores de Pedra D’água.

DEDÊ: Contava (seu avô) muita história, de noite.

ROGÉRIO: É? À noite, é?

DEDÊ: À noite, à noite de lua assim, sentava na calçada e era história, umas história! Ele falou que essas terra aqui, essas terra aqui, foi... trocada até por parte de bode.

ROGÉRIO: Ele disse, né?

DEDÊ: Ele disse. Ele dizia a eu. Que esse pedaço de terra aqui foi trocada até por quilo de carne.

ROGÉRIO: É?

DEDÊ: Por parte de bode. Toda terra! É cis-mado de falar, mai ele dizia mermo.

ROGÉRIO: Hum.

DEDÊ: Que por certo, ele viu, né?

ROGÉRIO: É.

DEDÊ: (risos) Ele viu essas pessoas mais que tinha... Que as pessoas mais que tinha, porque aqui, é difícil uma casa de tijolo, né? Disse que a maioria era tudo... Meu avô dizia que a maioria era tudo...Meu avô dizia, tudo de palha, de...

ROGÉRIO: De barro, né?

DEDÊ: De palha e de pau. Coberta de palha mermo.

Erinaldo, um dos saídos de Vaca Morta quando da venda da parte chamada Vajota em 2005, assinala ter sido prejudicado quando da negociação entre comprador e o antigo patrão. Não houve indenização por parte do antigo patrão enquanto o novo se eximia de alguma responsabilidade quanto a atender suas reivindicações. Sua indignação reside em terem recebido o descaso como pagamento aos trabalhos durante anos.

ERINALDO – Isso! Porque rá tinha comprado a ele, num tinha nada a vê cum nós! Né? N’vão foi a proposta qu’ele dizia pr’agente: “comprei a Ernani num tenho nada a vê! Comprei a propriedade e Ernani é que tem que acertá cum vocês!” N’vão a proposta que arrente sôbe daqui das história é essa...

ROGÉRIO – Humrum.

ERINALDO – ... ai beleza! Foi um patrão bom tomém ninguém percurô aaa... a ir atrás disso porque arrente isperô ele, né? Isperô ele prá cunversá com a gente, porque... a gente... fum’os pés e ars mãos dele’ aqui! Ele foi polític’ aqui! Ernandi!

O final desta fala deixa enfatizado o discernimento do trabalho seu, das gerações passadas e dos contemporâneos na produção da ri-

queza do patrão. O registro contém denúncia e indignação diante da situação na qual se encontravam antes e depois da venda da parte mais fértil de Vaca Morta. A fala de Francisco Brito também registra o regime de trabalho de meia retirando parte significativa para o patrão. O produto restante era destinado de forma precária à alimentação do núcleo familiar produtor.

FRANCISCO BRITO – A ma, vendia pra fora era era a a airgum qanu sobrava mai o resto era só pra si mermo, o que vendia pra fora só era mi e aigodão, né? A gente vai, aigodão naquela época a gente vendia aigodão... ai era mai, tudo de mêa! Arrente trabaiava de mêa! Só o que num era de mêa era mi, era o milho e o feijão! ... mai ôtra coisa era a gente trabaiava de mêa! Aigodão! Se plantasse o arroz era de era de mêa! ... tudo de mêa... plantava tirava a metade...

ROGÉRIO – E a metade dava pra...

FRANCISCO BRITO – Pro patrão!

ROGÉRIO – Pro patrão.

FRANCISCO BRITO – Pro patrão!... o patrão n’era, num era bem bom, num era muito facin não! ... ai nós tiremo aquilo tudo nessa luta assim, ali na Vaca Morta, todo aquele pessoal era assim!... eu pelo menos eu nunca pêssui ... nada de vantagi... nem gaaado nem nada! Ai vêz plantava, um jumentin!... pr’vê se andava, pra rua carreganu ais ferinha pra lá e pra cá!... puiquê, minha mãe ficô viúva e... e, eu fiquei, cum minha mãe...

“O patrão n’era, num era bem bom, num era muito facin não!”, nas palavras ditas de forma suave e pausada, quase sussurrada, expressa de forma veemente a situação subalterizada imposta aos moradores de Vaca Morta.

Em Pedra D’água a exiguidade da terra para plantio e criação impunha aos moradores

a situação subalternizada do trabalho assalariado como diaristas. A condição de superexploração acentuava ainda mais as dificuldades e privações. Internamente ao quilombo, a dinâmica de uso da terra se sustenta na partilha coletiva. Caju enfatiza a prática antiga posta em andamento em Pedra D'água de uma lógica oposta à de uso privativo da terra, cuja propriedade era de ninguém em particular, mas comum a seus moradores.

CAJU: Us papé! Oi! Us papé sumiru! Dixeru qui tava com agué... qui num sei ondi. Mais qui tem papé tem! Só num sei ondi! Disapareceu (gesticula lentamente passando as mãos uma na outra repetidas vezes). Issu aqui, ói ... issu, era comum! ... Aqui num havia papé não! Era tudo em comum!

Outros quilombolas de Pedra D'água expressaram o entendimento de uso comum da terra. Nas falas de Biu Vitá e Babau há indicação desta utilização da terra como prática aprendida com seus pais.

BIU VITÁ: Meu pai dizia pra mim: plante ali (apontando para o local), dispôis dizia: plante acolá (apontando para outro local)! Outra hora minha mãe dizia: plante ali (outro local)! Plante daqui até ali (outro local)! Daí como é qui eu vô dizer qual minha parte?!

BABAU: Meu pai dizia: comece ali (a preparação da terra)! Eu ia. Quando chegava mais adiante ele dizia: para ai! Eu hoje estou preparando a terra na parte de Dona Rita. Ela é muito boa e não se importa. Quando eu colhê, eu vô lá e dô uma parte pra ela. Eu num sô obrigado! Posso num dá si num quisé qui ela num liga! Mas dô! Ela é muito boa!

Havia o entendimento entre os pedrada-guenses da terra como de uso comum. A venda da terra estava restrita aos benefícios realizados no espaço físico, como plantações de árvores frutíferas, casas, açudes, lavouras. Mané Criôlo relata uma situação na qual um conhecido seu lhe propôs a compra de suas terras e a sua dificuldade em lidar, naquele caso, com a lógica de propriedade privada predominante, impermeável à ideia de terra de uso comum.

MANÉ CRIÔLO: “Você pode vender!” Eu digo: “Mas tão dizendo que eu não vendo, por causa da minha idade!”

ROGÉRIO: Hum.

MANÉ CRIÔLO: Ele falou assim: “Mas não é seu?” Eu digo: “Não. Não é meu, não. Eu num... eu num tô vendendo terra, não.” Que eu tava guardando já o negócio da terra, sabe? Quanto é, quanto é?... Aí o que eu dixeu a ele: “Quanto é? eu digo: é cinqüenta prata!” Meu amigo, ... tem mais de cinqüenta prata, tem quase dois quadro, como eu andava ali, mas já porque era mentira ... não era ... não era meu. Eu dixeu que era cinqüenta, só mermo. Porque o que fosse, tava bom. Aí eu ... falou, eu falei assim: “Mai num é meu, não!” “E por que é que você vai vender, se não é seu?” Eu digo: “Eu tô vendendo é o benefício!” Eu tava lá, é... dez pé de coco que tem, é o barreirinho que teve, uma casa que tem feita, madeira... toda madeira...

Outro aspecto relativo às formas de mediação com o meio ambiente em Pedra D'água passa pela existência de cuidados e delicadezas rituais a fim de não ferir a susceptibilidade de entidades espirituais. A mata e os animais não eram vistos como coisas inanimadas, à disposição do uso e abuso dos humanos. Haveria de se ter tato quando na condução de atividades co-

mo a caça e mesmo numa simples coleta de lenha. Comadre Fulorzinha poderia ficar zangada e castigar de diversas maneiras a quem não observasse os procedimentos preliminares necessários. Vejamos abaixo as palavras de Mané de Lia e de Deca de Preta:

MANÉ DE LIA: Tem de ter respeito! Tem de ter respeito! Quando vai tirar lenha, qui ela gosta de ficar ali, na árvore, na sombra ... Ela gosta de árvore, sabia? Se não tiver respeito, ela, ela faz se perder! Meu cunhado um dia foi tirar lenha ... cinqüenta metros de casa ... ali (apontando) passou dia todo na mata, dando voltas ... perdido! Chegou em casa de noite! Com o fêxe de lenha na cabeça!

O cunhado de Mané de Lia não se conduziu de forma adequada, adentrando a mata sem pedir licença. Ter se perdido na mata, bem próximo de sua casa, indica a ação de Comadre Fulorzinha, embaralhando a capacidade de direção de quem não se portasse adequadamente, não observando as formalidades devidas à situação. Deca de Preta descreve Comadre Fulorzinha como entidade tanto castigadora de caçadores e seus cachorros como um tanto dada a travessuras. A forma de conseguir sua simpatia era agradando-a com pedaços de fumo de rolo deixados em locais específicos. Vejamos sua narrativa:

ROGÉRIO: É mais eu já ouvi falar muito em história de comadre fulorzinha, que dava tranças nos cavalos, né?
 DECA DE PRETA: Ah eu parti pra estirar aquelas tranças!
 ROGÉRIO: Bem apertadinha, né?

DECA DE PRETA: Não sei como ela aprendeu a fazer aquilo!

ROGÉRIO: É bem arrochadinha, né? Eu já ouvi falar.

DECA DE PRETA: Num sei como ela ainda faz aquilo, e quando era na ... né?

(...)

ROGÉRIO: Mas ate nos cachorros ela colava era?

DECA DE PRETA: Ah! Ela bate nos cachorros! Ela faz tantas coisas! Um dia desses ia levar ... ela gosta de fumo.

ROGÉRIO: Ah!

DECA DE PRETA: Um pedacinho de fumo pra ela, coloca em cima da pedra.

ROGÉRIO: E deixa lá?

DECA DE PRETA: Deixa. As caças tudo a favor do cara. Mais quando ela num quer, ai espalha tudinho! As vezes quando aparece ave, o cara dá cinco, seis tiros e a ave não sai do canto, e termina ele se arrepianu e vai embora!

Em Vaca Morta o Cruzeiro dos Anjos e a pequena capela, por sinal próximos um do outro, marcam os sentidos entrecruzando a vida com o plano do sagrado. No primeiro, os antigos enterraram os “anjos”, como são chamadas as crianças em torno de um ano de idade. No segundo local, a capela foi erigida a partir de um sonho no qual uma parente falecida aparecia e pedia a sua construção, indicando sua localização precisa. Houve uma convergência de esforços entre vários parentes, de maneira a tornar exequível a pequena edificação. Nojolina descreve a situação da construção da capela, com a mobilização de parentes e aliados para atender às solicitações apresentadas por uma parente falecida através do sonho de outro parente.

FIGURA 3 - JOÃO BRITO DIANTE DO CRUZEIRO DE PEDRAS ONDE ALGUMAS CRIANÇAS PEQUENAS, OS “ANJINHOS” FORAM ENTERRADAS NOS TEMPOS DE SEUS AVÓS



Fonte: Acervo pessoal 2014

FIGURA 4 - CAPELA CONSTRUÍDA NOS ANOS DA DÉCADA DE 1960



Fonte: Acervo pessoal 2014

ROGÉRIO – Eu vi... depois da capela, umas pedrinhas, um cruzeiro, que botaram “anjinhos”... na capela, ali, subindo...

NOJOLINA – Hum!

ROGÉRIO – num tem a capela né?

NOJOLINA: Tem a capela. Aquela capela foi ela (Rosa, esposa de Pedro Severino) que fez uma promessa antes de morrê e qano

morreu reapareceu, que era pá fazê a capela naquele canto. Ai o padi disse que...

ROGÉRIO – Ela apareceu a quem?

NOJOLINA – Ela apareceu a um cunhado dela, já morreu tombém.

ROGÉRIO – Também. Pra fazê a capela?

NOJOLINA – Que era, Antoin do Vale. Sim.

ROGÉRIO – Antonio do Vale.

NOJOLINA – Faleceu, já. Ela apareceu a ele e disse, e dixi o canto. Agora o padi disse, que era pá tê feito a capela na frente, ali, costado do grupo, que a promessa tarra paga in quaiqué canto da fa, da fazenda.

ROGÉRIO – Mas ela num disse pra fazer lá?

NOJOLINA – Dixi pá fazê lá, e dixi o canto a ele.

ROGÉRIO – Então? Num é?

NOJOLINA – É!

ROGÉRIO – Ai ele fez aonde ela mandô fazer. Num é?

GERALDO – É isso mesmo!

A Pedra Montada, monólito gigantesco em forma ovalada, de ponta cabeça com a parte mais estreita apoiada sobre um lajedo enorme e alto, aproximadamente com quatro metros, é outro local, existente nas proximidades leste de Vaca Morta, relacionado ao sobrenatural. Quando José Brito, do terreiro de sua casa, me apontou o colosso, acrescentou quase sussurrando para si mesmo: “Isto só pode ser coisa de Deus!” Vários acontecimentos fabulosos envolvendo este monumento me foram narrados.

Um dos lados do monólito é acentuadamente íngreme. Alguém conseguir dar uma volta completa ao redor de sua base é visto como evidente sinal de fé. José Brito contou esta sua realização na década de 1970. Sua fé fora confirmada pelo sucesso na empreitada extremamente arriscada. Há frequentes romarias de

fiéis a este local com o objetivo de cumprir promessas e fazer preces. Vejamos as falas de José Brito e sua esposa:

FIGURA 5 - ZÉ SOBRINHO SUBINDO A ESCADA QUE DÁ ACESSO AO LAJEDO DA PEDRA MONTADA



Fonte: Acervo pessoal 2014

JOSÉ BRITO – Aquela pedra se fosse assim um lugar mai desenvolvido servia de de de, pessoal fazia uma romaria excursão é, turismo, né?

ROGÉRIO – E é lá muito bonito viu?

JOSEFA BRITO – Mas assim mermo vai é muita gente, faz promessa vão pagar promessa lá.

ROGÉRIO – É?

JOSEFA BRITO – É!

ROGÉRIO – Olha! Mesmo com essa dificuldade toda de chegar?

JOSÉ BRITO – É!

JOSEFA BRITO – Hum! Tem uma varedinha pra'gente ir pra ela, num'sabe? Agora pra chegá nela sobe uma ladêra! (risos).

ROGÉRIO – É eu vô, vô encarar (risos).

JOSEFA BRITO – Não! Dá pra encarar, qu'eu vô! (risos).

ROGÉRIO – Ele falou... O senhor falou que quando era pequeno, tinha a promessa de dar volta, né? E era difícil, né?

JOSÉ BRITO – Não! Não foi promessa foi... que eu arru... sete veis eu arrudiei...

ROGÉRIO – Sete vezes assim de uma vez só?
JOSÉ BRITO – Fui só arrudianu, né? E os ôtros lá tud'ispianu né? Foi em ess... foi innnnn oitenta...

ROGÉRIO – Hanrram!

JOSÉ BRITO – setenta e nove... num tinha nem me casado ainda ai ai eu vim do sul, ai fui na, vê um amigo meu ai noi fumo pra lá'i "quem arrudêa quem não arrudêa", dig... ninguém, eu num duvido de ninguém, num vô fazê posta nem nada viu? Mas eu vô arrudiá... arrudiei uma arrudiei duis três quatro cinco seis sete... digo'agora a derradeira veiz vô de arrudiá de pé, qu'eu tem fé em deus, a ôtro foi arrudiá, foi escorreganu o pé ai já num deu né? Acho qu'ele criô inveja quaiqué coisa...

(...)

JOSEFA BRITO – ó um irmão meu vêi, agora esse ano passado, vêi de São Paulo, pagar uma promessa lá...

ROGÉRIO – Lá...

JOSEFA BRITO – É. Que o meu sobrinho teve um acidente quase que morre...

ROGÉRIO – O filho dele?

JOSEFA BRITO – É. Ai a min... a minha irmã que mora em Diamante ai fez uma promessa, se ele ficá bom ele vim pagá aqui na peda e ele vei o ano passado e a gente foi pra lá pagá a promessa...

ROGÉRIO – Pagar a promessa junto...

JOSEFA BRITO – É. E o menino ficô bonzin! Ficô bonzin, ai muita gente faiz promessa e vai pagá lá na peda... é...

O local é significado tanto pela vida dos ancestrais, pela devoção, pelo trabalho do plantio, construções, criação e conhecimento das plantas como pelas celebrações. Em Vaca Morta o Cruzeiro dos Anjos, o Cruzeiro de Possidônio, avô de Dorgival, o único a resistir às pressões do novo dono da parte vendida em Vaca Morta, e a capela marcam os sentidos do sagrado. Em Pedra D'água há uma encruzilhada na

qual nos tempos pretéritos os “anjinhos” eram enterrados. Este local é denominado “Pagão”. Os moradores de Vaca Morta indicaram os locais de moradia de seus antepassados, inclusive o local de moradia de Manuel Severino.

As relações com o local passam também pelo conhecimento da fauna e de seus usos na medicina doméstica. A utilização de ervas, plantas e outros elementos, como o cupim na feitura de remédios, é patrimônio de Cecília Rosa. Ela aprendera com a mãe os usos possíveis de plantas e outros recursos naturais no tratamento de algumas doenças. O nome desta arte é meizinha.

ROGÉRIO – Sempre chamaram “mesinha” é?

CECÍLIA – Sempre chamou, “meizinha”... “remédio”... (risos)

NEIDE – “Meizinha do mato”.

CECÍLIA – “Meizinha do mato” (risos).

ROGÉRIO – E como a senhora aprendeu isso aí? Esses segredos assim?

CECÍLIA – Foi é... no sentido mermo, né?...

Né eu veno né? antigamente os povo dizem qui seive... eu escuito também pela televisão que tem ais vêis tem, eu pego aqueles programa que tem, insinano, a os remédio do mato... das erva do mato.

ROGÉRIO – Mas sua mãe, fazia também?

CECÍLIA – Fazia! Minha mãe fazia.

ROGÉRIO – A senhora aprendeu então muito com ela?

CECÍLIA – Aprendi com ela... e a... e tem a... amêxa também amêxa serve pá remédio pá figo...

ROGÉRIO – Pra fígado?

CECÍLIA – Pá fígado. Muito bom!

(...)

CECÍLIA – A minha mãe fazia tudo isso, meizinha eu aprendi cum ela fazê.

A construção do açude de Vaca Morta por Manuel Severino foi feita a couro de boi

e machado de ferro. O boi era equipado com uma padiola de couro atrelado a burro. Enchiasse a padiola com a terra e levantava-se a parede de retenção das águas. O machado de ferro fora usado para rasgar os rochedos da pequena serra ladeando o leito do açude. Os quilombolas relatam esta realização deixando evidente o esforço de seu ancestral através de seu trabalho na terra.

FIGURA 6 - JOÃO BRITO CONDUZINDO O GADO PARA BEBER ÁGUA NO AÇUDE.



Fonte: Acervo pessoal 2014

As celebrações e festejos marcam a memória nos dois quilombos. Caju quando novo tocava tambor e puxava as cantigas nas ‘rezas’. A ‘reza’ era ritual fúnebre, onde os parentes do finado passavam um período com orações e rituais de despedida realizados ao som de tambor e cantigas onde era assinalada a última presença do morto. A descrição deste ritual feita por Caju lembra as sentinelas antigas, onde estavam juntos e misturados lamentos, devoção, cânticos, despedida, comidas, bebidas e afirmação da continuidade do grupo. Numa das cantigas, o responsável pela ‘reza’ como que encena-

va o morto se despedindo de todos, nominando a cada um dos presentes enquanto dizia estar indo embora. Caju afirmou ter sido em meados da década de 1980 a última ‘reza’. O abandono deste ritual pela comunidade deve-se, segundo depoimento do próprio Caju, a ser um ritual muito pesaroso.

FIGURA 7 - CAPELA CATÓLICA (PEDRA D’ÁGUA)



Fonte: Acervo pessoal 2014

FIGURA 8 - CULTO EVANGÉLICO REALIZADO NO PÁTIO DA CASA DE DONA JANDIRA (PEDRA D’ÁGUA)



Fonte: Acervo pessoal 2014

Quando do período de pesquisa em Pedra D’água, presenciei algumas comemorações como batizados, celebrações de aniversários e

outras com caráter religioso. Nestas situações, acontecia de serem reafirmados os laços de parentesco, uma forma de celebração da memória dos antepassados através da afirmação ritualizada pelos seus descendentes.

Em Vaca Morta há recordações sobre tempos mais festivos no terreiro da casa de Dona Sebastiana. Seu Miguelzinho tocava pife no grupo musical composto por sanfoneiro, zabumbeiro entre outros instrumentistas. Todos os tocadores e cantores eram do quilombo ou a ele relacionado. Devido aos impactos da venda da Vajota, com a saída de muitos, os festejos foram drasticamente reduzidos, argumentam. Na parcela vendida da fazenda havia dois campos de futebol para diversão e torneios periódicos. Além do time de masculino havia um formado por meninas. Jogavam padronizadas. Esta forma de celebração se encerra quando da negociação das terras. O novo dono passou a máquina de terraplanagem no campo, destruindo-o.

FIGURA 9 - FOTOGRAFIA DA FOTOGRAFIA DE PARTE DO TIME FEMININO DE FUTEBOL DE CAMPO DE VACA MORTA, GENTILMENTE CEDIDA POR KATIUCYA BRITO, A JOGADORAS INDICADA NA FOTO



Fonte: Acervo pessoal 2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto até aqui me parece evidente a constituição dos dois quilombos, em que pese as particularidades inicialmente pontuadas, numa ambiência social pesadamente adversa. Lidando com o passado marcado pela escravização, privação e domínio, os atuais moradores dos dois quilombos aqui apresentados, registram em falas e gestos suas estratégias de luta e sobrevivência contra abusos, exploração e estigmatização. Sua existência é possível por conta, sobretudo, das habilidades postas em andamento pelos parentes e aliados sobre esteios coletivos. A ancestralidade referencia as relações entre as pessoas de dentro e de fora dos quilombos, com os segmentos e instituições sociais do entorno local e regional. Os mortos se vão mas são lembrados através da celebração de suas vidas quando da recuperação das situações, acontecimentos e circunstâncias específicas, mas também por habilidades e características particulares.

Entre os quilombolas, as relações permanecem ativas mesmo quando de deslocamentos para regiões distantes. Integrantes dos dois quilombos registraram com ênfase como que a existência de outro quilombo, equivalente ou maior em número de componentes, nas cidades do Rio de Janeiro, em Aguai, no estado de São Paulo, e em Brasília. O constante e periódico trânsito de moradores dos dois quilombos e seus parentes nestas cidades expressa a manutenção de uma intensa e forte ligação com o lugar e com a vasta parentela.

Os integrantes destes quilombos procuram enfrentar os desafios postos na contemporaneidade com estratégias e dinâmicas coletivas. Mesmo a memória das lutas e enfrentamen-

tos mais intensos contra um entorno social absurdamente desfavorável, com a existência do latifúndio absorvente, no caso de Pedra D'água, ou as formas negociadas da subalternização, com ênfase na busca do consenso e eliminação de atritos e belicosidades no caso de Vaca Morta, não aboli os dinamismos coletivos. As complexas redes de ascendência ao lado das práticas de devoção, do trabalho como dos festejos, celebrações e festas, orientam a vida de todos e de cada um nestes quilombos paraibanos.

Enfim, ser parente está condicionado à reafirmação dos laços ligando a todos e a cada um através da memória partilhada a partir do ancestral fundador. O cotidiano do trabalho, da devoção, do sagrado e das celebrações oferece as ocasiões propícias de anúncio pública de sua história particular. Esta história expressa os liames enlaçando-os enquanto descendentes de um ancestral comum, relacionados às lutas pela reprodução e manutenção do grupo parental quando dos enfrentamentos no trabalho, atividades lúdicas, devocionais e outras com os segmentos da sociedade envolvente.

Trabalho recebido em 15/10/2013

Aprovado para publicação em 20/04/2014

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. O Sertanejo. 5^a ed. São Paulo; Melhoramentos, 19--.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pas-

- to: terras tradicionalmente ocupadas. – 2. ed., Manaus: PGSCA – UFAM, 2008.
- ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba. 2 v. João Pessoa, PB: Editora Universitária/ UFPB, 1978. (Coleção Documentos Paraibanos – 7).
- ALMEIDA, José Américo. A Paraíba e seus problemas. 3. ed. João Pessoa, PB: Estado da Paraíba – Secretaria da Educação e Cultura, 1980.
- ARRUTI, José Maurício. Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- ATLAS Escolar da Paraíba. Janete Lins Rodrigues (Coord.). 3. ed. João Pessoa; PB: GRAFSET, 2002.
- BANAL, Alberto; FORTES, Maria Ester Pereira (Orgs.). Quilombos da Paraíba: a realidade de hoje e os desafios para o futuro. João Pessoa; Imprell Gráfica e Editora, 2013.
- BANAL, Alberto; SOUSA, Francinete Fernandes de; TESSAROTTO, Marcos Fernandes de Oliveira. Os quilombos da Paraíba nos trabalhos acadêmicos – um levantamento bibliográfico. IN: BANAL, Alberto; FORTES, Maria Ester Pereira (Orgs.). Quilombos da Paraíba: a realidade de hoje e os desafios para o futuro. João Pessoa; Imprell Gráfica e Editora, 2013. p. 282-305.
- BANAL, Alberto. “A Via Crucis” das comunidades quilombolas no Brasil e na Paraíba. IN: BANAL, Alberto; FORTES, Maria Ester Pereira (Orgs.). Quilombos da Paraíba: a realidade de hoje e os desafios para o futuro. João Pessoa; Imprell Gráfica e Editora, 2013. p. 18-43.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O feudo: a Casa da Torre de Garcia d’Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BARROS, José D’Assunção. A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis; RJ: Vozes, 2009.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: PHILIPPE, Poutignat. Teorias da etnicidade. São Paulo; Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 185-227.
- BOLETIM informativo NUER – Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas – Territórios quilombolas – reconhecimento e titulação das terras. V – 2, n. 2 – Florianópolis, NUER/UFSC, 2005.
- CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998.
- CANTANHEDE FILHO, Aniceto et al. Incra e os desafios para regularização dos territórios quilombolas: algumas experiências. Brasília; MDA: Incra, 2006.
- COMUNIDADES Quilombolas de Minas Gerais no século XXI – História e resistência. Organizado por Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica/ CEDEFES, 2008.
- CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Tradução de Maria Manuela Rocha. Oeiras; Portugal; Celta Editora, 1999.

- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Lisboa, Portugal; Fim de Século Edições, 1999.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. IN: SANTIAGO, Silviano (Org.). Intérpretes do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro Nova Aguilar, 2002.
- DVD – Em Busca da Memória – a neurociência de Eric Kandel, ganhador do prêmio Nobel de medicina em 2000. NovoDisc Mídia Digital: Ediouro Duetto Editorial, 2008.
- FORTES, Maria Ester Pereira; LUCCHESI, Fernanda. Comunidades quilombolas na Paraíba. IN: BANAL, Alberto; FORTES, Maria Ester Pereira (Orgs.). Quilombos da Paraíba: a realidade de hoje e os desafios para o futuro. João Pessoa; Imprell Gráfica e Editora, 2013. p. 44-63.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Os negros do Matão: etnicidade e territorialização. Campina Grande; PB: EDUFCEG, 2011.
- GOMES, Flávio dos Santos. Ainda sobre os quilombos: repensando a construção de símbolos de identidade étnica no Brasil. IN: REIS, Elisa; ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; FRY, Peter (Orgs.). Política e Cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas. São Paulo; ANPOCS; HUCITEC, 1996.
- _____. Palmares: escravidão e liberdade no Atlântico Sul. São Paulo: Contexto, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo; Centauro, 2006.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1984.
- JOFFILY, Irineu. O Quebra-quilos: a revolta dos matutos contra os doutores – 1874. Brasília; Thesaurus Editora, 1977.
- LEITE, Ilka Boaventura (Org.). Laudos periciais antropológicos em debate. Florianópolis: Co-edição NUER/ABA, 2005.
- LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. Os negros de Pedra D'água: um estudo de identidade étnica – história, parentesco e territorialidade numa comunidade rural. Campina Grande; Dissertação de mestrado em Sociologia Rural; Universidade Federal da Paraíba, campus II, 1992.
- LIMA, Luciano Mendonça de. Derramando susto: os escravos e o Quebra-quilos em Campina Grande. Campina Grande; PB; EDUFCEG, 2006.
- NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. O Quilombo de Pedra D'água. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação – RTID. Campina Grande; PB; UFCG/ParqTecPB/INCRA-PB, 2009.
- _____. Vaca Morta: ancestralidade e luta pela terra num quilombo do sertão paraibano. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação – RTID. Campina Grande; PB; S. A. Consultoria em Gestão de Processos e Qualidade LTDA/INCRA-PB, 2012.
- _____. Nós somos outros: apontamentos em torno do exercício da pesquisa antropológica

- nos quilombos de Pedra D'água e Vaca Morta/PB. IN: BANAL, Alberto; FORTES, Maria Ester Pereira (Orgs.). Quilombos da Paraíba: a realidade de hoje e os desafios para o futuro. João Pessoa; Imprell Gráfica e Editora, 2013. p. 106-127.
- O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2002.
- PHILIPPE, Poutignat. Teorias da etnicidade. São Paulo; Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 185-227.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo; Companhia das Letras, 2008.
- REZENDE, Claudia Barcellos; MAGGIE, Yvonne (Orgs.). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- RODRIGUES, José Carlos. Antropologia e comunicação: princípios radicais. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- SANSONE, Livio; PINHO, Osmundo Araújo (Orgs.). Raça: novas perspectivas antropológicas. 2 ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.
- SEIXAS, Wilson. Pesquisas para a história do sertão paraibano. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. João Pessoa, n. 21, 1975. p. 51-84.
- SEYFERTH, Giralda. As Ciências Sociais no Brasil e a questão racial. IN: SILVA, Jaime da; BIRMAN, Patrícia; WANDERLEY, Regina. (Orgs.). Cativo e liberdade. Rio de Janeiro: UERJ, 1989.
- SOUTO MAIOR, Armando. Quebra-quilos: lutas sociais no outono do império. São Paulo; Companhia Editora Nacional, 1978 (Coleção Brasileira - volume366).